

A corte imperial onde o poder se encastelou

Caracterizada desde a criação como artificial e condenada ao fracasso enquanto projeto de uma nova sociedade, a Cidade no entanto é muitas vezes criticada por coisas de que não tem culpa. Em 1972, ao visitá-la, o psicanalista norte-americano E. K. Schwartz disse que a Cidade lhe dava uma certa "impressão de fantasia."

Construída, segundo os planos de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, para ser o espaço onde se faria um trabalho "ordenado e eficiente", mas também onde se ergueria uma sociedade "viva e aprazível, própria ao devaneio e à especulação intelectual", e de onde se irradiaria a própria cultura nacional, por que então ela se tornou, ao contrário, uma corte imperial onde o poder se encastela, cercado de parasitas?

Os especialistas geralmente não se entendem quando analisam essa questão. O arquiteto Aguinaldo Pacheco diz que "não era para ser nada disso que está aqui", enquanto o sociólogo Fernando Correia Dias conclui que os planejadores erraram ao alimentar a ilusão de que o espaço físico poderia modificar a estrutura social.

Na época em que esteve lá, observando curiosamente esta Cidade e descobrindo-a, o psicanalista Schwartz disse que "uma coisa é a introversão com o objetivo de desenvolver a reflexão profunda; outra é o isolamento, a falta de contato; outra ainda é o paradoxo do encontro sem contato, ou do contato alienado".

Um jovem poeta da Cidade um dia descobriu seus absurdos e escreveu: "Moro numa cidade onde as ruas são eixos. As pessoas são cargos. Os lugares são satélites. As praças são (d) o poder. Os carros são todos pretos. O pingente anda de Grande Circular. E as pessoas ainda cismam de me dizer que isso é o sonho de D. Bosco".

Essa discussão sobre a artificialidade da Cidade, a ausência de esquinas, o excesso de vazios, a solidão e a segregação das pessoas em guetos tem sido em geral polêmica e nunca chega a um resultado. O cientista político Benício Schmidt, por exemplo, critica o "regime de mandarim" com que a Cidade foi constituída e que teria sido o principal responsável pelo isolamento e a arrogância das autoridades.

Schmidt não concorda com a idéia, também comum, de que tudo poderia ter sido diferente se a vida

da Cidade — e do País — não tivesse mudado a partir de 1964, quando surgiu e vicejou a casta de tecnocratas que virtualmente exerce o poder.

Para ele, o perfil burocrático da Cidade não seria diferente mesmo num regime de sinal trocado — e, nesta hipótese, a Cidade seria algo assim como uma brilhante e envidrada Moscou tropical. "Na verdade", analisa Schmidt, "os incentivos para trazer gente de fora para o cerrado geraram o perfil perverso do habitante daqui".

Benício Schmidt é de opinião que a Cidade se desalienaria num regime aberto, e desde também que ela própria passasse a ter representação política. Pois hoje a atividade política e cultural na Cidade é semi-controlada pelas forças que, conscientes do que poderia acontecer e zelosas de seus privilégios, até desejam que a Cidade continue sendo uma ilha povoada de ilusões, cujos segredos só uns poucos conhecem.

"Acho que se vêm criando aqui novas formas de vida, só que não são aquelas que estão no discurso dos que fazem o elogio da Cidade", interveém outro, especialista, o arquiteto Frederico de Holanda, para quem tudo indica que existe na Cidade, mais do que em qualquer outro lugar, uma acentuação das relações sociais e hierárquicas, verticalizadas, baseadas mais na instituição à qual alguém pertence do que em agrupamentos diversificados, espontâneos.

Por exemplo: todas as tardes, um estranho espetáculo desenvolve-se na Esplanada dos Ministérios: dezenas de ônibus abrem suas portas, no final do expediente, para tragar, de uma só vez, a imensa população que deixa os prédios retangulares de Niemeyer. Tais pessoas, que tinham sido implacavelmente despejadas ali pela manhã, pelos mesmos ônibus, são levadas então para suas casas, sem nenhum contato, ainda que rápido e fugaz, com outras pessoas que não seus colegas de trabalho.

Pois assim funciona essa estranhíssima cidade constituída de guetos. Numa superquadra vivem, em apartamentos absolutamente iguais, centenas de deputados. Noutra, vivem os funcionários públicos. Há uma quadra só de professores, e outra de técnicos. Os funcionários do Banco do Brasil vivem no mesmo lugar e divertem-se nos fins de semana, juntos, num mesmo clube. E assim por diante.